

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)

Cursos Gerais — Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
2001

1.ª FASE
2.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

Leia atentamente as instruções:

- Esta prova é constituída por 2 (dois) grupos de questões:
 - **GRUPO I** – 3 (três) questões.
 - **GRUPO II** – 1 (uma) questão.
- A indicação do número de linhas/palavras tem um carácter meramente orientador do grau de desenvolvimento da resposta.
- A inadequação das suas respostas às questões formuladas implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

V.S.F.F.

114/1

GRUPO I

- Selecciona **apenas um** dos textos transcritos e responda às três questões que lhe são colocadas acerca desse texto e da obra a que pertence.
- Na resposta às questões 1 e 2 deverá utilizar, em cada uma, aproximadamente 10 linhas (cerca de 80 palavras).
- Na resposta à questão 3 deverá utilizar, aproximadamente, 40 linhas (cerca de 320 palavras).
- A mera transcrição de frases do texto implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A não manifestação do conhecimento da obra implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

TEXTO

Como poderia perecer *o que é*? Como poderia gerar-se?
Pois, se se gerasse, é porque *não é*, nem *tão-pouco* se vier a ser.
Assim a geração se extingue e a destruição é coisa em que se não fala.
Também não é divisível, pois que é homogéneo.
Nem há mais num ponto, que o impeça de ter coesão,
nem menos no outro, mas tudo está cheio *do que é*.
Assim é tudo contínuo; pois *o que é* está cerca *do que é*.
Além disso, está imobilizado nos limites de cadeias potentes,
sem começo, sem interrupção; pois geração e destruição
foram lançadas para longe, e a convicção verdadeira as repeliu.
É o mesmo, que permanece no mesmo e em si repousa,
ficando assim firme no seu lugar. Pois a forte Necessidade
o retém nos liames dos limites, que dos dois lados o encerram.
Por isso não é lícito *ao que é* ser infinito;
pois de nada necessita; se assim não fosse, de tudo careceria.

Frag. 8, vv. 19-33, in M. Helena da Rocha Pereira, Hélade,
Coimbra, FLUC, 1971, pp. 131-132

QUESTÕES

1. Explícite, partindo do texto, os atributos do ser.
2. Explique a argumentação utilizada no texto.
3. Esclareça a relevância do extracto no contexto geral da obra.

TEXTO

Sócrates – (...) parece que todo aquele que quiser ser feliz deverá procurar e cultivar a temperança e fugir a toda a velocidade da intemperança, procurando sobretudo não se tornar digno de castigo; mas se o vier a merecer, ele ou algum dos seus, trate-se de um particular ou de uma cidade, deve aceitar a correcção, sofrer o castigo, para poder ser feliz.

Tal é, parece-me, o objectivo que cada um deve visar durante a vida. Todos os seus esforços, todos os seus actos devem ser dirigidos no sentido de adquirir a justiça e a temperança como condição de felicidade, sem consentir nunca que as paixões campeiem nem enveredar por uma vida de saltador para poder satisfazê-las, como a um mal incurável.

Um homem escravo das suas paixões não pode ser amado nem pelos outros homens nem pelos deuses. É que ele é incapaz de ter interesses comuns com os demais e, sem interesses comuns, não pode haver amizade. Dizem os sábios, Cálicles, que o céu e a terra, os deuses e os homens estão ligados entre si pela amizade, o respeito da ordem, a moderação e a justiça, e é por isso, meu amigo, que chamam ao universo cosmos, em vez de desordem ou desregramento mundial. Mas tu não me dás a impressão de atentar nestas coisas, sendo embora tão sábio como és, e daí escapar-te que a igualdade geométrica pode muito entre os deuses e os homens. Entendes que tudo está em ter mais do que os outros e esqueces a geometria.

507c-508a, Lisboa, Edições 70, 1992, p. 180

QUESTÕES

1. Clarifique a tese central presente no texto transcrito.
2. Explique o sentido da concepção do universo como cosmos.
3. Esclareça a relevância do extracto no contexto geral da obra.

TEXTO

[Sócrates:] – (...) antes de mais, acautelemo-nos, não vá por aí suceder-nos algum percalço...

– Qual?

– O de darmos em «misólogos», tal qual os que dão em misantropos... De facto, não há coisa pior para um homem do que ganhar aversão pelos argumentos; ora, pelo que toca à sua origem, a misologia não difere da misantropia. Esta, com efeito, nada mais é senão fruto de uma confiança excessiva, que inexperientemente depositamos nos outros: julgamos determinada pessoa a todos os títulos sincera, sã, leal, e não muito depois descobrimos que é o reverso de tudo isso – pérfida e indigna de confiança. Ora justamente, quando alguém passa por várias vicissitudes como esta, mormente por culpa daqueles que poderia supor mais íntimos e amigos, claro que acaba, após desilusões sucessivas, por ganhar aversão a toda a gente, considerando que por aí nada, mas mesmo nada de bom há a esperar. Ou não reparaste que o processo é este?

– Sem dúvida – disse eu.

(...)

– (...) falo de semelhança quando, por exemplo, uma pessoa sem qualquer experiência de argumentos toma por verdadeiro o primeiro que lhe aparece, para pouco depois o reputar de falso (quantas vezes com razão, mas quantas vezes sem ela!) e assim sucessivamente com outro e com outro. (...)

– O que dizes é a pura verdade – concordei.

– Por conseguinte, Fédon – retomou ele –, seria caso para lamentar que, havendo um argumento verdadeiro, sólido e acessível ao entendimento, o simples facto de aparecer associado a esses tais que, embora sem mudarem, tanto passam por verdadeiros como não, servisse de pretexto a qualquer um para ter de se acusar a si e à sua imperícia, e o sofrimento o levasse por fim a descartar alegremente de si as culpas, para as lançar sobre os argumentos; e já o resto da vida outra coisa não faria senão odiá-los e denegri-los, privando-se assim de conhecer a verdade dos seres.

– Por Zeus – disse eu –, seria bem caso para lamentar.

– Assim sendo, acautelemo-nos, antes de mais, contra este risco e não deixemos entrar na nossa alma a dúvida de que talvez os argumentos nada encerrem de são; pensemos, muito pelo contrário, que nós é que não estamos ainda sãos e que, para lá chegarmos, é mister que nisso nos empenhemos com coragem (...).

89c-90e, Coimbra, Livraria Minerva, 1988, pp. 91-93

QUESTÕES

1. Explique, recorrendo ao texto, a analogia entre «misologia» e «misantropia».
2. Explícite, com base no texto, a posição do autor quanto ao valor dos argumentos.
3. Esclareça a importância deste extracto no contexto da respectiva obra.

V.S.F.F.

114/5

TEXTO

Além disso, a quantidade nunca tem contrário. (...) Não obstante, alguém pode dizer que muito é contrário de pouco, ou que grande é contrário de pequeno? Pode, mas nenhuma destas noções é quantidade, antes são relações, por isso que as coisas em si mesmo consideradas não são nem pequenas, nem grandes, só assim sendo qualificadas por relação comparativa com outras, por exemplo: dizemos que um monte é pequeno, e que um grão de milho é grande, pois o grão de milho é maior que outras coisas do mesmo género, e o monte é mais pequeno do que outras coisas análogas. Estamos aqui em presença de uma relação comparativa, pois se esses termos se utilizassem em acepção absoluta, jamais se poderia afirmar que um monte é pequeno, ou que um grão de milho é grande. (...) Admitamos que grande e pequeno são contrários. Segue-se, nesse caso, que um mesmo sujeito pode receber simultaneamente qualificações contrárias, e que as coisas são em si mesmas contrárias. Não sucede por vezes que uma mesma coisa é ao mesmo tempo grande e pequena, pois que, sendo pequena relativamente a uma, é grande relativamente a outra? Assim, uma mesma coisa vem a ser simultaneamente grande e pequena, e, por consequência, ela admite ao mesmo tempo qualificações contrárias. É inegável que nada pode admitir simultaneamente os contrários, como vimos para a substância. Se a substância está apta para receber contrários, um homem não pode, no entanto, estar doente e são ao mesmo tempo, assim como uma coisa não pode ser a um tempo branca e preta, e nenhuma é qualificável deste modo simultaneamente, porque então as coisas seriam em si mesmas os próprios contrários. Se grande é o contrário de pequeno, e se uma coisa for ao mesmo tempo grande e pequena, essa mesma coisa será contrária a si mesma; ora, é impossível que uma mesma coisa seja contrária a si mesma, logo, grande não é contrário de pequeno, nem muito de pouco. Por conseguinte, não podemos considerar esses termos contrários, ainda que haja quem os denomine como categorias de quantidade e não como categorias de relação.

Organon, I, 5b-6a, Lisboa, Guimarães Editores, 1985, pp. 64-66

QUESTÕES

1. Explique, com base no texto, por que razão «muito», «pouco», «grande» e «pequeno» não são quantidades, mas relações.
2. Justifique, recorrendo ao texto, que «muito», «pouco», «grande» e «pequeno» não são contrários.
3. Integre este extracto no contexto da respectiva obra.

TEXTO

AGOSTINHO – Até este ponto chegou o valor das palavras: para lhes conceder o mais possível, incitam-nos apenas a buscar as coisas, não no-las apresentam para as conhecermos. Ora quem me ensina alguma coisa é quem me manifesta, quer aos olhos quer a outro sentido do corpo, ou ainda à própria mente, as coisas que eu quero conhecer. Portanto, com palavras não aprendemos senão palavras, ou melhor, o som e o ruído das palavras. Com efeito, se o que não é sinal não pode ser palavra, eu não sei que uma palavra é palavra, embora já ouvida, enquanto não souber o que significa.

(...)

(...) acerca de todas as coisas que inteccionamos, não consultamos alguém que fala e produz um som fora de nós, mas a Verdade que preside interiormente à nossa mente, sendo talvez incitados pelas palavras a consultá-la. E aquele que é consultado, ensina: é Cristo, de quem se disse que habita «no homem interior» (*Efésios* 3, 16-17), e é «o Poder incomutável de Deus, e a sempiterna Sabedoria». A esta, de facto, toda a alma racional a consulta; ela porém manifesta-se-lhe na medida em que cada um é capaz de a receber, em razão da própria vontade, boa ou má. Se a alma alguma vez se engana, não é por defeito da Verdade consultada, do mesmo modo que não é por defeito desta luz exterior que os olhos corporais por vezes se enganam. É manifesto que para nos certificarmos acerca das coisas visíveis, recorreremos a esta luz, para ela no-las mostrar, na medida em que somos capazes de as ver.

in *Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval*,
Braga, Fac. de Filosofia, 1991, pp. 110-112

QUESTÕES

1. Explique, com base no texto, a crítica dirigida às palavras.
2. Explique, recorrendo ao texto, por que é Cristo o verdadeiro Mestre.
3. Esclareça a importância deste extracto no contexto da respectiva obra.

V.S.F.F.

114/7

TEXTO

Vamos, pobre homem! Foge agora um pouco às tuas ocupações, esconde-te por algum tempo dos teus pensamentos tumultuosos. Lança fora os teus onerosos cuidados, posterga as tuas laboriosas ocupações. Entrega-te uns momentos a Deus, e descansa um pouco n'Ele. «Entra no aposento» da tua mente, expulsa todas as coisas, a não ser Deus e o que te ajude a buscá-lo; e «fechada a porta», busca-O (*Mateus*, 6, 6).

Diz agora, meu coração todo, diz agora a Deus: «busco o teu rosto; o teu rosto, Senhor, eu o procuro» [*Salmo* 27, 8]. Eia, pois, Senhor meu Deus, ensina agora ao meu coração onde e como buscar-te, onde e como encontrar-te. Senhor, se não estás aqui, onde te buscarei, [que estás] ausente? E se estás em toda a parte, porque te não vejo presente? Mas é verdade que tu habitas «uma luz inacessível.» (*I Timóteo*, 6, 15). E onde está essa luz inacessível, ou como me aproximarei dessa luz inacessível? Ou quem me conduzirá e introduzirá nela, para nela te ver? (...)

(...) seja-me permitido levantar os olhos para a tua luz, ao menos de longe, ao menos das profundidades. Ensina-me a buscar-te, e mostra-te ao que te busca, pois eu não te posso buscar se tu não me ensinas, nem encontrar-te se não te mostras. Busque-te eu desejando, deseje-te buscando, encontre-te amando, ame-te encontrando.

Reconheço, Senhor, e dou-te graças, porque criaste em mim esta tua imagem, para que lembrada de ti, pense em ti e te ame; mas foi tão estragada pelo desgaste dos vícios, tão ofuscada pela fuligem dos pecados, que não pode fazer aquilo para que foi feita, se tu a não renovas e reformas.

Não tento, Senhor, penetrar a tua profundidade, pois de nenhum modo comparo com ela a minha inteligência; mas desejo de algum modo inteleccionar a tua verdade, que o meu coração crê e ama. Nem eu busco inteleccionar para crer, mas creio para inteleccionar. Com efeito eu creio também isto, que *se não acreditar não inteleccionarei* (cfr. *Isaiás*, 7, 9).

in *Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval*,
Braga, Fac. de Filosofia, 1991, pp.133-137

QUESTÕES

1. Explique, recorrendo ao texto, a dificuldade do conhecimento de Deus.
2. Explícite, com base no texto, a relação entre fé e razão.
3. Esclareça a importância deste extracto no contexto da respectiva obra.

TEXTO

Se porém se disser que o homem é, de algum modo, constituído de animal e racional, não o será como uma terceira realidade é constituída de duas outras, mas como de dois conceitos é constituído um terceiro. De facto, o conceito de animal apresenta-se sem determinação de qualquer dínase [forma] especial, já que exprime a natureza de uma realidade a partir do que é material, relativamente à última perfeição. Por sua vez o conceito do mencionado discríme [diferença] – racional – consiste na determinação de certa dínase especial. E destes dois conceitos é constituído o conceito da espécie ou definição. Por isso, assim como uma realidade constituída de outras não recebe o indito [ou atribuição como predicado] das realidades de que é constituída, também o conceito não recebe o indito dos conceitos de que é constituído. E assim, não dizemos que a definição [de homem] é o [conceito significado pelo] género, ou pelo discríme.

Entretanto, não tem de ser uma única a essência das várias espécies que pertencem ao mesmo género, ainda que o género significa toda a essência da espécie, dado que a unidade do género procede da sua mesma indeterminação ou receptividade. Com efeito, essa indeterminação não quer dizer que o que é significado pelo género constitua numericamente um só princípio existente em diversas espécies, ao qual sobrevenha outra realidade, que seja discríme e o determine, à semelhança da maneira como a dínase determina a protomatéria, que é numericamente uma só. Pelo contrário, [quer dizer] que o género significa uma dínase, mas não determinadamente esta ou aquela. Determinadamente exprime-a o discríme, e este não é senão o que indeterminadamente o género significava. Eis porque afirma o Comentador, no undécimo livro da Metafísica, que a protomatéria se diz ser uma só, porque se excluem dela todas as dínases, mas se diz que o género é um só, pela amplitude da dínase [por ele] significada. É pois evidente que pela adição do discríme, e removida assim a indeterminação referida, que era a causa da unidade do género, ficam existindo espécies por essência diversas.

Além disso, como ficou dito, o constitutivo da espécie é indeterminado em relação ao unissingular [ao ser individual], como o constitutivo do género em relação à espécie. Por essa razão, assim como o que constitui o género, enquanto se indita da espécie, implica na sua significação, embora indistintamente, tudo o que determinadamente se encontra na espécie, assim também o que constitui a espécie, enquanto se indita do unissingular, tem de significar, embora indistintamente, tudo o que essencialmente se encontra no unissingular. É deste modo que a essência da espécie se significa pelo termo -homem, e é esta a razão por que homem se indita de Sócrates.

in Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval,
Braga, Fac. de Filosofia, 1991, pp. 212-214

QUESTÕES

1. Explique, a partir do texto, a relação entre género e espécie.
2. Justifique, apoiando-se no texto, a possibilidade de atribuir a essência da espécie como predicado ao ser individual.
3. Esclareça a importância do extracto no contexto geral da obra.

V.S.F.F.

TEXTO

13. Se atentamos, porém, no efeito da arte mecânica, intuiremos nele a norma de viver. Porquanto, todo o artífice entende produzir uma obra bela, útil e duradoira; e quando comporta estas três condições, então a obra é verdadeiramente estimável e digna de aceitação. Conforme a essas três qualidades da obra devemos reconhecer outras três na norma de viver, isto é, «saber, querer e obrar de modo inabalável ou com perseverança». A ciência contribui para a beleza da obra, a vontade para a sua utilidade e a perseverança para a sua duração. A primeira reside na potência racional, a segunda na potência irascível.

14. Se considerarmos o fruto da arte mecânica, poderemos ver aí a união de Deus e da alma. Pois, todo o artífice que executa alguma obra ou a executa para ser louvado por ela ou para conseguir algum lucro pessoal por meio dela ou para deleitar-se nela, consoante os três bens próprios do que é apetecível: bem honesto, útil e deleitável. Ora, por causa destes três fins criou Deus a alma racional: para que esta o louvasse, para que o servisse, para que nele se deleitasse e encontrasse o repouso; o que tudo se verifica por meio da caridade «na qual quem permanece, permanece em Deus e Deus nele», de sorte que se estabelece entre ambos uma certa união maravilhosa e desta união resulta uma não menor maravilhosa deleitação, posto que, como se diz nos Provérbios, «as minhas delícias são os filhos dos homens». Eis como a iluminação da arte mecânica é via para a iluminação da Sagrada Escritura, e nada há nela que não cesse de proclamar a verdadeira sabedoria. E por isso é que a Sagrada Escritura se serve frequentemente dos seus símiles com não pouca propriedade.

Coimbra, Atlântida, 1970, pp. 36-37

QUESTÕES

1. Explique, recorrendo ao texto, como se intui na arte mecânica a norma de viver.
2. Explique, com base no texto, em que medida a arte mecânica pode simbolizar a união da alma com Deus.
3. Integre este extracto no contexto geral da obra.

GRUPO II

- Selecione **apenas uma** das obras que lhe são propostas e desenvolva o tema anexo.
- A não identificação do tema e da obra implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A opção por um par obra-tema diferente dos que são apresentados na prova implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Na sua resposta deverá utilizar aproximadamente 80 linhas (cerca de 640 palavras).

OBRAS	TEMAS
PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes.....	A fundamentação do conhecimento verdadeiro
CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke	Tolerância e paz
DISCURSO DE METAFÍSICA, G. W. Leibniz.....	Limites do mecanicismo
FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant	Moralidade e felicidade
INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel	Filosofia e espírito do tempo
TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental.....	A ideia de Deus
A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche.....	O renascimento da tragédia
DA CERTEZA, L. Wittgenstein	Fundamentação e crença
ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty	Ironia e filosofia
OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell	O problema da indução
A PROBLEMÁTICA DA SAUDADE, Joaquim de Carvalho..	Significação metafísica da saudade
DA ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger.....	Ek-sistência e verdade
TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur	A defesa da escrita

FIM

V.S.F.F.

114/11

COTAÇÕES

GRUPO I

1. e 2. (2 × 25 pontos)..... 50 pontos

3. (1 × 70 pontos)..... 70 pontos

GRUPO II

..... (1 × 80 pontos)..... 80 pontos

TOTAL 200 pontos